SIN GU LAR

1ª Edição
Cabo Frio
Outubro de 2025

Aldeia Editora

Ilustração da Capa - Matheu de Queiroz Gomes.
Edição da Capa - Renato Fulgoni
Diagramação - Renato Fulgoni
Produção Editorial - Renato Fulgoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Flavio
Singular / Flavio Machado. -- 1. ed. --
Cabo Frio, RJ : Aldeia Editora, 2025.

ISBN 978-65-83938-09-1

1. Poesia brasileira I. Título.

25-299826.0 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

ISBN: 978-65-83938-09-1
9 786583 938091

Aldeia Editora

Dados Biográficos de Flavio Machado

Nascido no Rio de Janeiro, em 04 de fevereiro de 1959. As primeiras experiências literárias foram com textos para teatro de bonecos na infância. Durante a adolescência participou de festivais de música com premiação em alguns destes. A partir de 1974 começou a arquivar de forma organizada o material produzido.

Publicou poemas no Suplemento Literário do Jornal de Minas no período de 1980 a 1982. Participou do movimento de Poesia Marginal, tendo ativa participação nos movimentos literários da época.

Participa de diversas Antologias de Poesia. Publicou em vários órgãos da chamada "imprensa alternativa": Tribuna do Norte, Galope Poético, Poemas do Poste, Correio das Artes, etc. Alguns textos foram publicados em outros países: Estados Unidos, França e Argentina.

Publicou em 2003 o livro: Sala de Espera, vencedor do Prêmio de Poesia organizado pela Editora Blocos em 2002. E no ano de 2013 o Livro Azul de Haicai pela Editora CBJE. Em 2014 o Livro Provisórios vencedor do Prêmio LiteraCidade da Editora LiteraCidade, recebendo ainda as seguintes premiações: Segundo Lugar no Concurso da Academia Carioca de Letras, finalista do Prêmio Literário Gloria de Sant'Anna – Válega – Portugal e classificado entre os três melhores livros de poesia lançados em 2014 em premiação da UBE/RJ.

Em 2015 pela LiteraCidade Este Lado Para Cima, vencedor do Prêmio LiteraCidade de 2015; os livros Á Margem Volume 1 e Volume 2 ambos pela mesma editora em 2016. Publicou pela Editora Pará.Grafo o Livro Branco de Haicai em 2017. Comemorando 45 anos de Literatura em 2019, publicou pela Editora Ixtlan o Livro Amarelo de Haicais, não tradicionais. E o

livro Para Ler Sob a Luz do Lampião, projeto de livro artesanal pela Editora Costelas Felinas.

Membro da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio. Graduado em Engenharia Agronômica e com Pós Graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho. Têm três filhas, um filho e dois netos.

Contatos com o Autor: flaviomachado372@gmail.com

Dados Biográficos de Flavio Machado

Sumário

a cor da paixão 10
ausência 13
marginal 14
a terceira margem 15
ausência 16
Cantiga 17
os aqualoucos 18
Improviso 1 19
Improviso 3 20
Macaé 21
a constelação inspirada 22
A espera 23
Fortaleza 24
Fortaleza1 25
improviso de família 26
a partir de uma notícia de jornal 27
VIII 28
em alguma parte 29
sobre a canção de Bob Dylan 30
praia do pecado 31
aniversário 32
primeiro de março 33
304 34
meteorologia 35
memórias 36
Cantagalo 37
constelação da madrugada 38
quando estou triste escrevo poemas em guardanapos brancos 39
nova Brasília 17 40
escrito no livro de Manuel Bandeira 42

XI 43
manhã de domingo 44
sábado 45
Cubatão 46
São Paulo, 18 de agosto de 2011 47
estradas 49
15 de setembro de 2005 50
fora de foco 01 51
revendo letra de música 52
aproveitando anúncios 53
prosaico 54
a propósito de um livro 55
sem correção 56
coração municipal 57
Ourilândia do Norte 58
XVI 59
quando Igor descobriu a bola 60
cidade 61
conversa 62
noturno 63
redescobrimento 64
por causa de Adélia 65
noite 66
Sonhos de Kurosawa II 68
canção 69

Auto Prefácio

Flavio Machado é um poeta e escritor contemporâneo, cuja obra se caracteriza pela sensibilidade poética e observação profunda do cotidiano. Nascido no Brasil, desenvolveu ao longo de sua trajetória literária um olhar atento à memória, à cidade, à natureza e aos sentimentos humanos, traduzindo experiências complexas em linguagem poética clara e envolvente.

Sua escrita combina poesia, prosa poética e haicais, demonstrando influência de autores clássicos e modernos, mas sempre com voz própria e experimental, capaz de explorar a musicalidade da palavra e a cadência da vida urbana.

Em "Singular", Flavio Machado convida o leitor a viajar entre memórias, sonhos e reflexões, propondo uma leitura que é ao mesmo tempo íntima, estética e filosófica, "Singular" é uma viagem pelas nuances da experiência humana, uma exploração da memória, do cotidiano e da sensibilidade poética. Flavio Machado nos conduz por ruas, praças, paisagens interiores e mundos imaginários, sempre atento à beleza efêmera das pequenas coisas.

Cada poema, cada improviso é um convite à reflexão, à contemplação e ao reencontro com as próprias emoções. Entre a cidade e o campo, entre o concreto e o sonho, o leitor é guiado por uma voz que sabe conjugar claridade, musicalidade e densidade afetiva.

Este livro é, acima de tudo, um registro de atenção: atenção às pessoas, ao tempo, à memória, à esperança e à fragilidade da vida. Ler "Singular" é perceber que, mesmo em meio ao caos, há momentos de luz, poesia e singularidade que transformam a percepção do mundo e de nós mesmos.

Flavio Machado

a cor da paixão

como em a palo seco
de Belchior
o tango argentino
me vai bem melhor que o blue
coloco os dedos na sangria represada
pronta para lavar as cidades
cruzar avenidas desertas
dizer :nada é divino maravilhoso

(examinando a fotografia
de cinco mulheres na praça de moscou
imagino sobre o que conversavam
descubro olhares
traços de luz
paisagens)

acordo com sede
suor na camisa
e vontade de cometer desatinos
assobio uma canção de amor
dessas que se assobia sem razão
discurso para as paredes
o peito apertado
pelos amores desfeitos

velocidade
explosão
luz de estrela morta
a milhares de anos luz
atravessando a noite espessa

os vagalumes ensinando o caminho
para astros vagabundos
em rota de colisão.

amor criando fusão de átomos
o tiro penetrando
o bulbo luminoso
gozo
choro
e não confesso crimes banais
e planos secretos.

o que quero?
o que pretendo?

e se você me perguntar entre os dentes
o que estou pensando quando te beijo
acharei engraçado
vou querer beijar de novo
e não vou saber responder
hoje a manhã
despertou o arco íris
sobre os morros de minas
barulhos
delírios
as esquinas
as ruas de nomes desconhecidos
a vida dentro do poema
o poema dentro da vida
saltar no espaço
sem rede de proteção
romper avenidas na contramão
redescobrir nos trópicos banquetes
antropofágicos
dos tempos ancestrais
luas
rios negros
o murmúrio dos pássaros
coro de cigarra
das águas descendo os grotões

fingir não ter vontade
de rever os caminhos
as montanhas
a presença morena de teu corpo.

angústia de bocas secas
incendiar a paixão
cortar a carne da hipocrisia
responder em silêncio
aos possíveis enganos
enxergar
os campos
as flores
a leveza das árvores
a festa anual das cores
os insetos são cúmplices dos poetas.

o espaço na descoberta das palavras
ofício
quase obrigação
e as nuvens baixas
sobre o aeroporto não nos intimidam
sobrevoaremos a tempestade
um novo céu se abrirá
iluminado
limpo
livre das ameaças.

ausência

a chuva escorre
sobressai um filete negro

os ventos dançam entre as árvores

murmúrio de pássaros
coro de cigarras
águas descendo os grotões
sudoeste empurrando as nuvens

a casa silenciosa
restos de grama misturado aos insetos mortos

(pura invenção, a vida não é tão perfeita quanto uma canção).

marginal

(poderia ter encontrado com Ana Cristina Cesar
pelas ruas de Copacabana
acontecer talvez de ficarmos amigos)

todo o desbunde dos anos 70 e 80
impresso nos poemas mimeografados que escrevi

partem navios negreiros pela avenida Brasil
não há nenhum Castro Alves disponível para cantar
(Era um sonho dantesco... o tombadilho...)

essa escravidão tão sofrida quanto pode ser qualquer prisão
eu perco a esperança
náufrago
antes que as mulheres e as crianças desistam de afundar o navio

tamanho indício de fracasso para nenhum reconhecimento da crítica.

a terceira margem

à margem do rio Perequê-Açu
nada sei sobre os navios navegando
pelas águas intimamente calmas
me transporto para 1976
ao que se perdeu das ideologias juvenis

descubro que nenhuma teoria me desperta.

ausência
ausência

não há palavras
não há palavras

silêncio
silêncio

Cantiga

(a menina parece tanto
com a neta que talvez não conheça)

Alice dorme entre os livros
entre as palavras

imersa em sonho particular
no espanto dos barulhos

Alice dorme dentro da tarde
enquanto o planeta gira
e tudo pulsa em torno:

Quais seriam as maravilhas do país de Alice?

os aqualoucos

sempre tive medo de saltar do trampolim
arriscar além do limite de segurança

solidão sob o luar
impassível diante dos versos inventados
recriaríamos a memória
como um filme em que interferimos nas cenas

o que será de nós diante do que não foi vivido?
restariam as velhas fotografias onde somos tão jovens?

tente não pensar sobre a menina do primeiro beijo
tente não pensar no coração acelerado diante do primeiro amor

o que será de nós quando restar apenas uma fotografia antiga
em um álbum de formatura?
quanto tempo durará a fotografia
quanto de arrependimento existirá no que não foi dito
(o medo de amar maior do que na canção)

deixaremos pistas nos pequenos gestos propositais
quantas vidas seriam possíveis se rompêssemos o medo?
não é possível reescrever o que está posto
o salto não dado do trampolim.

Improviso 1

o Cristo abre os braços
os aviões decolam na tangente do sol
espalham - se luzes na superfície da baía de Guanabara.

o planeta gira tão devagar, quanto poderia na relativa velocidade do tempo
não há alternativas
segue a passeata ruidosa
invadindo a avenida
sigo na contra mão

a manhã sem nuvens renova esperanças

Aeroporto Santos Dumont. 24.09.16

Improviso 3

A festa das flores. Vestindo o dia para que seja mais leve a vida. O ciclo se encerra no encontro de cores. Plumerias, Ipês, Boungaviles. A estação inaugurará no planalto central outra história. Contaminará a vida da nação. Quando for ao cerrado traga uma flor. Está na hora da gente reescrever a história. Está na hora de deixar de lado as diferenças. O mais difícil é tratar as diferenças sem indiferença. As flores não devem morrer. As flores precisam resistir. As flores vencerão os canhões.

Macaé

O vendedor de balas aparece na televisão. Dentro da biblioteca Mário de Andrade. Nessa noite não dormirá nos hotéis baratos. A venda de balas nos sinais não rendeu o esperado. Restou passar a madrugada entre os livros. Um novo dia surgirá por entre os prédios da grande cidade.

a constelação inspirada

seguro uma flor morta
os cães selvagens rasgam meus sonhos
onde encontrarei a serenidade?

estou me procurando.
nesta noite há, a esperança da descoberta.
as memórias distorcidas, dão falso testemunho.
deixam um rastro de trevas

A espera

Existe um segredo na espera.
sobram tempo e pensamentos

Suspiro cheio de esperança
o silêncio é mais compreensível do que um milhão de palavras

Fortaleza

as paisagens se repetem
pelas ruas
favelas espalhadas
lixo espalhado
pelas encostas
amontoado em risco

poderia ser em qualquer cidade do país
igualdade das periferias.

Fortaleza 1

a propaganda na rua Henrique Sabóia informa: É fácil ser feliz aqui.

Seria verdade?
Seria apenas mais uma frase de efeito?
Quanto de facilidade haveria nessa afirmação?
Qual o nível de felicidade que seria aceitável pelos padrões internacionais?
Uma máquina poderia aferir essa medida?
E se ao contrário nada fosse assim tão fácil?
Poderia ser processado o autor da frase?

Os automóveis seguem indiferentes.

improviso de família

sondo a prima aniversariante possível informação
sobre a existência de fotografias do tio falecido, ainda jovem
recebo a resposta
a dura realidade da destruição das fotografias

surpreso descubro que o tio Flavio morreu em um acidente
e que havia uma tia chamada Gloria igualmente morta

desapareceram da memória como se nunca existissem.

a partir de uma notícia de jornal

Descobertos indícios de água na lua Europa circulando em torno de Júpiter. Renovam-se as esperanças de existir vida fora da terra. Haverá, finalmente vida fora da terra? Haverá, vida inteligente fora da terra?

Caso não haja vida, podemos estender um aqueduto, levar água aos desertos. Como transfusão de água. Irrigar as terras secas do nordeste brasileiro. Abastecer os rios secos.

E se houver vida na lua de Júpiter? Será que permitiriam o uso indiscriminado da água encontrada? Temos uma alternativa, temos uma possibilidade de perpetuar a vida, ainda que custe a extinção da vida existente na lua Europa.

VIII

A primavera chegou ao pequeno vaso de antúrio. Nas flores pequenas. Volta o silêncio, entrecortados por uma canção, pela voz da canção.

em alguma parte

escorre mais do que o sangue nas paredes
escorre o próprio corpo
líquido espesso apodrecido

tão provisório quanto a estrela morta na inatingível galáxia
há uma ameaça sobre nós nesta manhã
pode ser um asteroide em rota de colisão
ou o ataque mortal de algum grupo terrorista.
ou algo mais imprevisível do que poderíamos supor

a ameaça pode estar mais próxima de nós
preparada secretamente pelo vizinho

algo paira sobre a minha cabeça, parece inevitável
no insondável coração aflito

talvez o homem que lia em alta voz versículos da Bíblia, saiba
todas as respostas

sobre a canção de Bob Dylan

não sei o que dizer
a respeito de blowin' in the wind
tento traduzir a letra literalmente
sem importar a falta de sentido

ou ouvir a voz anasalada do cantor repetir
sem contar quantas vezes
blowin' in the wind

sentir o ar na penumbra do quarto
esperando a inauguração do dia
movimento crescente de máquinas e gente

confessar
o quanto isso me deixa comovido.

praia do pecado

as cordas interditam o posto de observação
dos salva vidas

as yuccas enfeitam a borda do bosque
saltando na picada aberta entre placas de propriedade

a cantiga marítima embala o vento, crescem as ondas
mistura de areia e espumas

o sol disputará com as nuvens
as luzes surgirão

uma dança esgrimada aplaina o oceano
movimentando levemente os barcos

nascerá o dia
contrariando os prognósticos sombrios.

aniversário

quando nasce um poeta
o mundo deveria comemorar
as ruas serem enfeitadas com o luar
invadidas por anjos em passeata

decretaria - se feriado nacional
qualquer tipo de injustiça seria proibida
ao amor cantariam um madrigal
nenhuma arma letal se fabricaria

quando nasce um poeta
a vida comemora em poesia
a beleza eterna

quando nasce um poeta
a esperança se renova
em verso se completa.

primeiro de março

a cidade cabia inteira na sala
os rios poluídos e os não
os morros ocupados por favelas e os não
as praias desertas e as não

avenidas
ruas
os automóveis
as motocicletas
o embalo do subúrbio nos trilhos centrais
a contradição da violência no rastro das diferenças

a música cadenciando
o movimento dos ventos
das marés

a cidade cabia dentro da sala
a rua Cananéia
onde fantasmas desfilavam
trazendo estandartes e bandeiras

cabia na sala da casa, as invasões estrangeiras
a luta dos confederados Tamoios

cabia o perfume das meninas de Ipanema
cabia também todos os odores, todos os horrores

a sala vazia não cabe na ausência
da cidade.

304

a morte servida
em cada palmo estradeiro
renov(ação) eterna.

meteorologia

a solidão era o motivo
da chuva em teus olhos

precipitando-se na manhã tardia
transbordando rios

invadindo margens
levando na enxurrada

casas
vidas

memórias

quando passar por conselheiro Lafaiete lembrarei:

do conselho de família não seguido
do amor impossível não vivido
do poema secreto não escrito

Cantagalo

a roça de milho embandeirado
mancha de solo queimado
revezamento de planícies e morros
pedaços de pele no arame farpado

vestígios de mata atlântica
nascente de riacho morto
aves de mau agouro.

constelação da madrugada

um homem procura estrelas
no chão da praça
disputa a brisa com os cães.

quando estou triste escrevo poemas em guardanapos brancos

uma
mulher
sorrisos largos
paga
o lanche
para três meninos
na lanchonete
cheia de nomes americanos.

nova Brasília 17

escola assaltada
roubados: mimeógrafo
papel ofício
tinta
caneta
carbono

órfão: o filho do vigia.

animal enjaulado
confunde a pele
com as grades

escrito no livro de Manuel Bandeira

o rio tem nome humano
desce as ladeiras do monte até a barra
abre duas margens visíveis
e outras tantas intangíveis.

XI

é preciso recuperar

tempo perdido
coração ferido
amor vendido

transformar a dor mais clichê
em obra de vanguarda

recompor com flores os terrenos degradados
não ter vergonha de ser feliz
como diz a canção

permitir a mais banal das atitudes
crer na absolvição dos pecados
renovar o espírito em chamas

manhã de domingo

(com a permissão de velvet underground)

canto a aurora
sons misturados
uivo de cão
estudo de violão
diálogo abafado de irmãs

atravesso as ruas da memória
por atalhos secretos
o mundo me persegue
passear pela manhã dos anos perdidos

domingo de manhã...

sábado

os prédios de Nova York são mais altos
do que os prédios da avenida Rio Branco
mas a lua não tangencia
o telhado dourado do teatro municipal.

Cubatão

a estranha sensação
de a qualquer momento
desmanchar a serra sobre a cidade.

São Paulo, 18 de agosto de 2011

aeroporto de Congonhas 15º no desembarque
nuvens na brigadeiro paulista entre consolação e paraíso
estação da luz
aparências comuns
incomuns jardins

inversão térmica das paixões
semáforos
pacaembus
morumbis
anhangabaú
tupy or not tupy
mário desvairado
irmãos campos tradução integral das periferias
rappers e mcs

motos em velocidade
trânsito de impossibilidades
violência
liberdade
tiete
confluência de todas influencias
miscigenação cultural
pancultural
recriando a metrópole
nos pátios de shoppings

transgressões atravessam a via dutra
condenações
aberrações
inomináveis
projetos futuros
a arte profana dos parques industriais
exposição multifacetadas das vitrines
desumana arma
alma desarmada

não entendo o que não é espelho
da sé a falta de fé
absolutismos reinantes de polígonos
abstinência de sonhos
na onda de ilusoginos
rituais pagãos de religião
dogmas mecânicos
operários canonizados
a libertação das minorias
aceitáveis divergências
revolucionárias evoluções
tecnocratas cidades
pequena grande cidade
romântica
pragmatizada
atualizando dilemas.

estradas

quando tudo estiver perdido
tomaremos o caminho do ouro
ao acaso dentro da tarde

seremos apenas nós dois a sós
as pedras serão testemunhas discretas
tão improváveis quanto o sincero remorso dos assassinos

15 de setembro de 2005

os operários na construção
cortam o ferro
a velha senhora come quibes
mãe e filha aguardam pela visita de um desconhecido
nuvens fracionadas encobrem o céu

um saco plástico no redemoinho
dança de forma quase regular
descrevendo rotas com lógica de colisão

por pura licença poética
repete movimentos
prisioneiro
abandonado
sem quebrar as regras
sem deixar a órbita errática do vento.

fora de foco 01

abrigo do coração despedaçado
meu peito não cabe em si

sem capacidade de reciclar os sentimentos

bato em retirada
diante das evidências.

revendo letra de música

eram dois corpos estendidos no chão
cobertos por lençóis brancos
pela indiferença aos condenados
à morte

os ônibus diminuem a marcha
a noite sangrando
líquido sujo pelas sarjetas

a violência urbana anunciada
na manchete antecipada

aproveitando anúncios

este poema é rastreado
por satélite
o seu funcionamento
independe do poeta.

prosaico

a minha volta tudo é estranhamento
distâncias ocas dentro do tempo

tramando
desordenando

enquanto pela madrugada
me perco na rodoviária.

a propósito de um livro

as irmãs separadas
a morta e a que permanece viva
        unidas no corpo que as compreende
        próximas na viagem da solidão
        enterradas nos campos gelados da Islândia
        deslocadas surgem em novo corpo
        ajustadas para consumação absoluta de iguais
        digerindo restos das almas
vítimas da miséria humana
consumindo
destruindo
desumanizando.

sem correção

a televisão iluminava a sala
o pulso examinava o relógio
comprado em feira popular
passou a mão pelo revólver atado a cintura
sob a camisa xadrez

a moça da recepção não percebeu os movimentos:
- O que o senhor deseja?
respondeu laconicamente:
Espero um amigo
silêncio cortado pelos anúncios urbanos
barulhos na avenida central

permaneceu impávido acomodado à noite
a moça distraída pelas cenas da novela
não viu quando o homem atravessou o lobby
recebeu quatro tiros no peito
tombou sobre a mesa de arranjos florais

a rua tomada pelo susto
os postes surpreendidos
os gritos rasgando a noite abafada.

coração municipal

vejo-te de segunda a segunda
pelos corredores
e sou invisível
aos teus olhos de virgem embriagada.

Ourilândia do Norte

As motocicletas levam a cidade pelos acostamentos
o rapaz do mercado embrulha sonhos
em sacolas de plástico que levarão cem anos para desaparecer

não há rastros de onça
quilômetros de pastagens destruíram as florestas
a estrada é uma linha reta de solidão
servindo de rota para capatazes e caminhões

O suor sangra pelos poros
as chuvas do inverno trocado na linha do equador
cobrindo as casas

a pressa dos homens não assusta a manhã
a vida não se sustenta sobre tênues esperanças

XVI

por algum desses inexplicáveis caminhos
na madrugada
vieram através das imagens do site de agricultura orgânica
lembranças vivas

o sabor de tempo perdido
afastamento
saudades do futuro
levando a um tempo não vivido

quem sabe um dia como no poema de Maiakovski
ela apareça por uma alameda do zoológico.

quando Igor descobriu a bola

o menino escapole do berço
caminha pelo curto corredor até o quintal

encontra o objeto
esfera colorida
e de canhota a chuta

o menino não tem a dimensão do fato
parado se admira do ato
enquanto a manhã veladamente sorri

cidade

a frenética passeata
passarelas apinhadas
gares entupidas
prateadas carruagens intercaladas
disputa olímpica por brechas

pedintes acorrentados
idiotas de plantão em fardas de gala
inúteis sinais nas rotas de fuga
os alto falantes
anunciam os cuidados
contra a contaminação pandêmica
articulando o pânico circense
falsos brilhantes
no rumor das primeiras horas.

conversa

o quadro mostra três moças entre os azuis da tarde
passagem entre artes
opondo desiguais

observação íntima das expressões individuais
reinventa a percepção
poética do (uni)verso.

noturno

descobrir na noite
a constelação do cruzeiro do sul ao lado das três marias

o céu nordestino encontrando
o céu menino.

redescobrimento

no caminho inverso
índios tupis
aportarão no Tejo.

por causa de Adélia

vou para Divinópolis
passear à tarde por uma rua pequena que não sei o nome

atravessar a ponte sobre o rio
ainda que não exista nenhuma ponte ou rio

perder – me pela geografia do tempo
caminhar pelas ruas em uma tarde de domingo

os dezesseis anos revividos
transformando em um sonho estranho a vida.

noite

There are many here among us, Who feel that life is but a joke.
Jimi Hendrix - All Along The Watchtower.

não estragues a noite
com versos medíocres,
confissões tacanhas.

não transformes a poesia
em chacota.
ridículas são as canções de amor.

não mistures emoções
com o que existe apenas
na percepção que te domina.

não esperes empatia:
nenhuma importância tens
nesse leilão barato.

não aproveites o instante
para derramar inúteis versos —
serão ignorados.

não envies flores,
não dediques o poema,
não te precipites no abismo.

há muitos, aqui entre nós,
que sentem:
a vida não passa de uma piada.

a

DOR

Não cabe no poema.

Sonhos de Kurosawa II

(...tudo um dia acaba...)

quando acontecerá o fim do mundo?
em que dia do mês?
será em um domingo ensolarado ?
ou uma segunda cinzenta ?
em que parte do planeta estaremos reunidos?
como será o fim?
haverá transmissão via satélite?
quem assistirá ao final dos tempos?
será como previsto nas profecias?
será como em uma cena de Sonhos de Kurosawa?
com todos em silêncio na sala do cinema?
e depois de tudo terminado
a consciência do exato momento sobreviverá?

canção

eu te amo
e chove
como o desespero de amar
fosse um fato único

eu te amo
como um inseto
fascinado pelas luzes noturnas da cidade
entrego-me
repetindo folhetins baratos

eu te amo
pudera parar a chuva
com carícias
e um beijo ligeiro

eu te amo
são 6 horas e 42 minutos
de uma manhã de chuva miúda
sofro da penúria dos esquecidos

não cantarei esse amor
quisera presentear-te
com os mais belos poemas
menestrel sem talento
camaleão despeitado
inverto a paisagem
misturo as cores da dor
síndrome de cavaleiro medieval em tempos modernos

qual a cor da paixão?
teria a cor das constelações?

alimento-me desse amor
intensamente
te amo
bocas a esperar
pernas numa vacilante dança

arrumo os porta retratos
porta entreaberta
ordem invertida dos panos sobre a mesa
na cor das toalhas
dos tapetes distribuídos pela casa

escorre a chuva no
telhado
carrega dentro a
música ritmada
sonata sem luar
monótona
marcha militar

escorre o desejo
carne condenada ao
pecado
olhos vazados no
instante do gozo
explodimos insanos
em eterno transe

sussurras obscenas palavras
cravas as unhas em minhas costas nuas
mão roçando o corpo
bocas em luta
toque suave de línguas
invadindo teus domínios
teus meandros

penetro-te por trilhas de incontáveis

abismos
mares não navegados
não há retorno
não há caminhos
não saciamos a fome que temos de nós

pudéssemos nos fundir
cada músculo
cada artéria
cada pedaço de pele
único objeto
almas unificadas
amálgama

o perfume do sexo incensando o quarto
escapando para a rua
desencantando anjos
libertando-os de qualquer culpa

quanto tempo resisto sem te tocar?
posso medir as horas
nunca a medida da ausência.

Acesse a biografia do
escritor Flavio Machado

Siga Nossas Redes Sociais
@autorrenatofulgoni
@aldeiaeditora
@flaviomachadopoesias

SIN
GU
LAR